

Uma CASA Aberta para Formação Docente: o papel do rádio na percepção do Projeto CASA da UFC¹

Mário César Matos de FREITAS²
Andrea Pinheiro Paiva CAVALCANTE³
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

RESUMO

Na interface entre Comunicação e Educação o rádio encontrou seu norte dentro do Projeto CASA. Uma Comunidade de Cooperação e Aprendizagem Significativa apenas se estrutura depois que seus integrantes possam comunicar-se mutuamente, quebrando as barreiras das distâncias através do diálogo e da partilha do que é significativo entre eles. O rádio surge como a ferramenta que corrobora em ambas as instâncias, permitindo a comunicabilidade entre as partes, num todo educacional de formação docente universitária. Este artigo visa apresentar a figura participativa do rádio como mediador do diálogo dentro do Projeto CASA da Universidade Federal do Ceará e o reflexo dos conceitos basilares de construção do referido projeto em uma análise crítica da atuação com o programa.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Formação Docente Universitária; Projeto CASA-UFC; Programa CASA Aberta; Educação.

QUE CASA É ESSA?

Este artigo tem como objetivo apresentar o programa radiofônico CASA Aberta como ferramenta comunicativa do projeto CASA (Comunidade de Cooperação e Aprendizagem Significativa) da Universidade Federal do Ceará (UFC), alcançando tanto a ambiência de propagação das informações e debates que movem o projeto, quanto mostrar-se como reflexo dos conceitos que os dá contornos.

O projeto CASA é uma iniciativa da Pró-Reitoria de Graduação da UFC que visa à formação docente dos professores recém ingressos à instituição. Em níveis de licenciatura, não há um preparo para a sala de aula do Ensino Superior e a CASA vem tentar assumir o papel de reunir a heterogeneidade dos diversos cursos, departamentos, institutos e faculdades que compõem a Universidade onde estudamos, para partilhar experiências e metodologias no trato universitário.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais (Comunicação e Educação), da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação recém graduado do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará, email: mariocesarmf@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará, email: andrea@virtual.ufc.br

Programas com caráter formativo destinados aos professores recém-ingressos já eram utilizados, sendo, inclusive, uma exigência da legislação federal que regula a admissão desses profissionais. Este foi o caso da disciplina de Didática do Ensino Superior e posteriormente do Programa Rede de Valorização do Ensino Superior (REVES), ambos difundidos a nível nacional.

O professor recém-ingresso deve cumprir um período de 64 (sessenta e quatro) horas de formação docente. Entretanto, a legislação não especifica de que forma essa carga horária deve ser cumprida, possibilitando a autonomia de cada instituição de Ensino Superior (IES) organizar seus programas de preparo para a sala de aula universitária.

Muito embora o corriqueiro fosse aplicação de cursos ou palestras de preparo aos novos profissionais, como no caso das duas iniciativas citadas anteriormente, a UFC optou por uma forma distinta do que se vinha desenvolvendo nas outras universidades brasileiras. Sem desmerecer nenhuma das experiências anteriores, tendo em vista que elas não foram abandonadas para a criação de uma estratégia absolutamente nova, mas sim fizeram parte do processo contínuo de construção do que viria a ser a CASa.

Almejando acompanhar as mudanças que se deram na constituição dos quadros estudantil e professoral proporcionados pelo Reuni, os quais tiveram reflexos na quantidade e nas formas de interação entre os atores do processo educativo, fazia-se necessário uma maneira diferenciada de recepção e formação desses docentes. Foram estes fatores os responsáveis pelos primeiros pensamentos de se construir uma comunidade de cooperação e aprendizagem significativa.

Discutindo o preparo dos profissionais para a sala de aula, CARVALHO (2007) aponta que no Ensino Superior há uma clara preocupação em formar o profissional, durante a graduação, para exercer seu papel dentro de uma área específica de conhecimento. Quando da formação de professores, estas graduações em licenciatura são voltadas para os ensinos Infantil, Fundamental e Médio. A didática de sala de aula para o nível superior não se dá numa formação discente, ou seja, durante a graduação não se preparam professores para o nível superior.

Lucarelli, citado pela autora, coloca que

Nos níveis fundamental e médio, a profissão docente identifica e confere um panorama comum para o desenvolvimento de práticas diversas dos professores [...] É o campo da prática docente que define a profissão [...] O docente universitário reconhece a si mesmo por sua profissão de origem, e identifica-se com o título que lhe foi conferido pela unidade acadêmica que lhe graduou [...] Poder e prestígio não provêm da docência universitária como saber pedagógico,

mas do domínio de um campo específico, tecnológico ou humanístico determinado. (LUCARELLI *apud* CARVALHO, 2007, p.64).

ALTHAUS (2004) acrescenta que “frente aos desafios postos para o ensinar, o domínio específico de uma área científica do conhecimento não é suficiente. O professor universitário deve desenvolver também outros saberes: pedagógico e político.” Dessa forma fica clara a insuficiência de uma formação acadêmica em uma área específica de atuação profissional sem uma preparação didática para o trato estudantil universitário.

No início de 2009 o Pró-Reitor de graduação Custódio Almeida convidou os professores recém-concursados Bernadete de Souza Porto e Francisco Silva Cavalcante Júnior para pensarem juntos uma forma diferente de trabalhar com os demais colegas durante o período de Estágio Probatório, almejando uma perspectiva diferente de preparo dos professores. Em uma tentativa de troca de experiências, de aprendizagem conjunta e colaborativa. Iniciativa que abrangeria os *campi* da UFC em Quixadá, Cariri, Fortaleza e Sobral, respeitando as diferenças de cada região e buscando acompanhar as mudanças que a Universidade sofria com esses novos espaços e seus moradores.

Em entrevista pessoal, Cavalcante Jr. explica que o fator inicial de norteamento teórico do projeto foi idealizá-lo como um espaço de transformação movido pelos professores, sendo eles os agentes da mudança que esperam ver concretizada na Universidade onde trabalham.

Nós não formamos pessoas. Nós somos mediadores de um processo de transformação de professores. E a transformação [...] significa uma ação, *trans*: “para além de” formas e fôrmas. Então, transformar significa [...] agir para além do que já está formado, do que já está formatado. E esse tem sido o mote que me inspira em tudo o que eu faço. O que podemos fazer para transcender o que já é fato, o que já é dado, o que já está pronto? E como podemos engajar outras pessoas como agentes dessa transformação e não meros receptores da mudança ou da formação? (Entrevista Cavalcante Jr, 2011).

Bernadete Porto, também idealizadora do projeto, comenta em entrevista pessoal sobre a obrigatoriedade na relação entre o indivíduo e a atividade proposta a ele. O que é obrigatório é visto como imposto e uma barreira invisível se monta frente a qualquer iniciativa que tenha essa conotação. Dentro da CASA, mesmo com a obrigatoriedade, o docente tem opção por uma gama de oportunidades e decide-se por uma delas espontaneamente, sem um direcionamento autoritário.

De fato esses docentes eles são obrigados a estar no Projeto CASA, mas o nosso interesse é que isso, o que é obrigatório, se transforme num convite e de um

convite numa necessidade; e de uma necessidade, um desafio. Fazer esse trânsito, porque uma atividade obrigatória ela não assume o voluntariado. Eu não estou lá porque eu quero. Eu entendo que na formação docente, como em qualquer processo de desenvolvimento humano, o voluntariado é essencial. Eu querer mudar, eu querer estar ali, eu querer refletir sobre o que eu faço. Não tem como trabalhar, para mim, o desenvolvimento da docência sem que esse desejo, individual e coletivo, e esses desafios sejam assumidos pelo sujeito que está sendo “formado”, entre aspas. Então, como é obrigatório, a gente pensou na rede de cooperação para poder fomentar o voluntariado, quer dizer, você tem aqui um leque de atividades obrigatórias, então dentro de uma obrigatoriedade você escolhe onde você quer estar. (Entrevista Bernadete Porto, 2011).

Dentre as diversas atividades propostas encontram-se: Rodas de Conversas, Mentores de Docência, Ambiências Temáticas, Seminários Temáticos, Formação Didática do Ensino Superior, Formação de Docência Integrada à Tecnologia da Informação e Comunicação, CASas de Ciência, Arte, Religião e Filosofia, dentre outras alternativas a serem escolhidas pelos docentes. Como este artigo tem foco na esfera comunicacional representada pelo rádio, deixaremos maiores explicações acerca das atividades desenvolvidas no projeto para um segundo momento.

OS CONCEITOS BASILARES

Outro ponto importante a se destacar é a base conceitual sobre a qual a CASa foi edificada. Nomeadores do projeto, inclusive, merecem destaque os conceitos de: comunidade, cooperação e aprendizagem significativa, dos quais trataremos a seguir.

GÓIS (2005) traz os diversos sentidos que a palavra *comunidade* foi construindo ao longo do tempo e a dificuldade de uma definição comum nos dias de hoje. Ela teria, entretanto, três características básicas segundo estudos de Gil Lacruz, citado pelo autor, as quais seriam: sentimento de pertença, participação na mesma cultura e vinculação a um território comum.

No caso da comunidade formada pela UFC, na figura de seus professores, temos o território comum representado pela instituição da qual fazem parte, sendo que o projeto em estudo busca motivar o desenvolvimento do sentimento de pertencimento a esse território comum como um grupo, como “moradores da mesma casa”, além do compartilhamento das culturas, das vivências de cada um dos envolvidos, pois muitos são de outros estados, tiveram uma formação acadêmica diferente ou são de áreas distintas dos saberes que constroem a Universidade. É com isso que se espera gerar um espírito comunitário.

A partir dessas considerações, compreendemos a comunidade como um lugar de moradia, um “hogar” social, de permanência estável e duradoura, de relação direta (face a face) entre seus moradores, de crescimento e de proteção da

individualidade frente à natureza e à sociedade. Apresenta, como o município e a sociedade maior, que exercem influências sobre ela, um processo social próprio cheio de contradições, conflitos e interesses comuns, que servem como base à construção e orientação das ações de seus moradores com relação ao próprio lugar, ao município onde se encontra e ao conjunto da sociedade. (GÓIS, 2005, pp.61-62).

É essa complexidade, em seus pontos divergentes e convergentes, que gera a riqueza das trocas proporcionadas. É esse espaço que se estimulou construir para os docentes da UFC neste processo.

BAUMAN (2003) acrescenta que “a comunidade é um lugar ‘cálido’, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado.” Ela seria um lugar em que seus habitantes se sentem bem, onde são de fato acolhidos. Essa necessidade de acolher os professores que ingressavam na UFC, principalmente por conta da expansão proporcionada pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) em 2009, foi um dos fatores que deram motivos ao projeto, segundo Custódio Almeida. A comunidade permite, ainda, a segurança, a proteção de um grupo com objetivos comuns, onde não residem julgamentos de certo ou errado, mas sim trocas de experiências e motivações entre seus membros. Esta é a forma como o projeto CASa almeja que os docentes se sintam na Universidade. Nesse sentimento de pertencimento, dentro de um ambiente que lhes transmita a segurança e o aconchego. Onde possam dialogar sem receios de se expor.

Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós.

[...]

Quem não gostaria de viver entre pessoas amigáveis e bem intencionadas nas quais pudesse confiar e de cujas palavras e atos pudesse se apoiar? Para nós em particular — que vivemos em tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos [...] — a palavra “comunidade” soa como música aos nossos ouvidos. O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes. (BAUMAN, 2003, pp. 8-9).

É nesse sentido de elaboração conjunta que passamos para o conceito de cooperação, também presente na nomenclatura do projeto e que ao lado dos de *comunidade* e *aprendizagem significativa* forma seu tripé de sustentação conceitual.

Cooperação que em uma de suas definições, abordada por FRANTZ (2001), é “entendida como uma ação consciente e combinada entre indivíduos ou grupos associativos

com vista a um determinado fim.” Dessa forma, o resultado esperado da ação conjunta se dá a partir da mediação entre seus participantes que buscam um determinado objetivo em comum, ou seja, a soma de esforços alinhados dentro de uma mesma perspectiva é o que consolidaria o produto final almejado, a partir da ajuda mútua prestada durante sua trajetória.

Assim pode-se ampliar a definição anterior tendo cooperação como

processo social, embasado em relações associativas, na interação humana, pela qual um grupo de pessoas busca encontrar respostas e soluções para seus problemas comuns, realizar objetivos comuns, busca produzir resultados, através de empreendimentos coletivos com interesses comuns. (FRANTZ, 2001, p.242).

Educação e cooperação estão profundamente relacionadas e suas interlocuções são claras. Quando se age cooperativamente, permite-se a troca de conhecimentos, métodos e técnicas em um processo educativo. Do mesmo modo, quando se está ensinado há o diálogo entre as partes em um processo cooperativo. Como resume FRANTZ (2001): “Na prática cooperativa, para além de seus propósitos e interesses específicos, produz-se conhecimento, educação e aprendizagem; na prática educativa como processo complexo de relações humanas, encontra-se cooperação”.

O autor acrescenta ainda que é no diálogo, exercido para que se exista cooperação, que a comunhão entre os saberes se consolida:

A organização da cooperação, em seus aspectos práticos, exige de seus sujeitos e atores uma comunicação de interesses, de objetivos e práticas, a respeito do qual precisam falar, argumentar e decidir. Nesse processo de interlocução de saberes de cada associado, os dois fenômenos se relacionam, entrelaçam-se e se potencializam como práticas sociais específicas. Assim, no diálogo da cooperação, cumpre-se a educação, fundada no processo de construção e reconstrução dos diferentes saberes daqueles que participam da organização e das práticas cooperativas. (FRANTZ, 2001, pp.243-244).

O convívio em comunidade permite a mediação entre os atores envolvidos nas trocas cooperativas e de experiências. É na riqueza da experimentação partilhada que se fortalece o terceiro pilar de sustentação do projeto: a aprendizagem significativa.

Experiência é entendida por DEWEY (1978) como “uma fase da natureza, é uma forma de interação, pela qual os dois elementos que nela entram – situação e agente – são modificados.” Ela não poderia ser identificada como algo meramente passageiro, transitório, que apenas aconteceu e faz parte de um passado sem reflexos futuros. Mas sim como algo que foi significativo e capaz de gerar mudanças na forma de encarar os agentes envolvidos na situação.

A própria educação, para o autor, seria o processo de trocas significativas que permeiam as interfaces entre sujeitos, ambientes e situações vividas. Ela é compreendida como “o processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habituamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras”.

Cavalcante Jr. ressalta a importância do significativo para o envolvimento dos professores na CASA. O coordenador explica as motivações que guiam cada fase de desenvolvimento na busca da aprendizagem humana.

O “querer” é o que norteia o desenvolvimento do adulto, do ser humano adulto. Como crianças nós somos extremamente sensoriais, estamos presos ao desenvolvimento dos nossos sentidos. Como adolescentes nós estamos presos ao pensamento, ao aprendizado do “por que” e querer justificativas. E como adulto eu preciso querer. Eu preciso querer aprender, eu preciso querer transformar, eu preciso querer fazer uma Universidade diferente. (Entrevista Cavalcante Jr, 2011).

É a motivação pessoal que permite uma integração aos objetivos de formação ou, como diz Cavalcante Jr, de *trans-form-ação*, dentro do processo de tornar-se docente universitário. Querer fazer parte dessa trajetória como sujeito construtor e não apenas como receptor de informações de outrem.

O que é significativo para uma pessoa gerará nela o desejo de querer algo e a motivará para o “fazer” diferente. É por esse fator que a aprendizagem tida como significativa ganha destaque como fundamento do projeto CASA. E para que ela de fato ocorra, faz-se necessário a compreensão e a correlação de cada um dos significados envolvidos no processo cotidiano de formação, que vai além do ambiente de sala de aula onde se é aluno ou professor, mas que se expande pelas situações vividas, partilhadas ou idealizadas.

Cavalcante Jr. conclui o pensamento desenvolvido até este ponto com a explanação do tripé que daria suporte ao projeto, mesclando os conceitos de comunidade, cooperação e aprendizagem significativa num processo dialógico.

Construindo nosso tripé conceitual nós temos no centro: a cooperação, [...] a construção da casa é um processo cooperativo, e cooperativo compreendido como co-operação, a *operação com*; então, nós [...] não fazemos *para* os professores, nós fazemos o projeto *com* os professores. [...] A experiência, a compreensão de que a experiência vivida por cada um de nós é uma bagagem que nós trazemos e que está disponível para ser compartilhada com outros; a dialogicidade, conversando com, dialogando com os colegas nós temos a oportunidade de compartilhar saberes e construir novos meios juntos; e o terceiro ponto de apoio é a formatividade, é a criação, nós esperamos que essa experiência dialogada

promova novas criações, novas *poiesis*, novas construções coletivas. E daí surgiu o nome: CASa. Uma sigla que significa: “C”, Comunidade; “C” de Cooperação; “A” Aprendizagem; “S” Significativa. Comunidade de Cooperação e Aprendizagem Significativa. (Entrevista Cavalcante Jr, 2011).

Em cunhos organizacionais, temos que os docentes participantes recebem denominações diferenciadas dependendo do envolvimento deles com o projeto. Assim, os *habitantes* são ocupantes de longo prazo, representados pelos professores recém-concursados em Estágio Probatório e os estudantes vinculados ao programa de aprendizagem colaborativa e educação tutorial; os *residentes* são ocupantes temporários, representados por estudantes bolsistas da graduação ou do programa de mestrado e de doutorado, os quais aderem ao projeto voluntariamente; e os *visitantes* que são ocupantes passageiros, na figura dos professores veteranos que frequentam as atividades voluntariamente.

As linhas de ações do projeto acabaram se dividindo em duas correntes após verificar que a Comunicação era fundamental para o bom desenvolvimento das atividades, pois muitos professores reclamavam que não tomavam conhecimento de determinada atividade e por este motivo não participavam. Demonstrando a adaptabilidade e construção progressiva, características do CASa desde sua idealização.

Nós vimos que a Comunicação era um problema central para viver dentro dessa Universidade. A gente mandava correspondência o professor não recebia, os endereços às vezes eram defasados... [...] a gente tinha problemas de comunicação terríveis. E foi aí que nós decidimos investir na comunicação. Começou o jornalzinho, o brevíário, depois para o CASa Aberta, depois a criação do portal e aí foi crescendo tanto a equipe, a equipe foi ficando maior, como o contingente de professores. Aí nós nos dividimos numa coordenação de formação docente, [...] e uma de comunicação. (Entrevista Bernadete Porto, 2011).

A comunicação vista não apenas com uma função de divulgação da informação, mas como fator importante do processo formativo, ou como colocaria Cavalcante Jr. transformativo. No final do capítulo precedente evidenciou-se essa proximidade que DEWEY (1978) confirma:

Ora, comunicação é educação. Nada se comunica sem que os dois agentes em comunicação – o que recebe e o que comunica – se mudem ou se transformem de certo modo. Quem recebe a comunicação tem uma nova experiência que lhe transforma a própria natureza. Quem a comunica, por sua vez, se muda e se transforma no esforço para formular a sua própria experiência. Há assim uma troca, um mútuo dar e receber. (DEWEY, 1978, p.19).

Assim, tendo como ponto de partida essa necessidade de atenção à comunicação como igual participante da formação docente, a professora Bernadete Porto tornou-se a responsável pela coordenação de Formação Docente na amplitude de suas ações, enquanto Cavalcante Jr. responde pela área de Comunicação e Aprendizagem Significativa, trabalhando diretamente com as coordenações das atividades desenvolvidas, onde se localiza o Programa CASa Aberta, do qual trataremos a seguir.

O PROGRAMA CASA ABERTA: CONTEXTO E ESTRUTURA

O CASa Aberta é um programa radiofônico da Pró-Reitoria de Graduação da UFC em parceria à Rádio Universitária FM, tendo o apoio do Instituto UFC Virtual e, mais recentemente, da Liga Experimental em Comunicação da UFC. Sua veiculação ocorre todas as sextas-feiras, às 16h, desde o dia 15 de outubro de 2010. A data comemorava os 29 anos de fundação da Rádio Universitária FM e, acima de tudo, o dia do professor, figura motriz e centro da construção do programa.

A percepção de que a comunicação era um fator indispensável para a boa continuidade das ações do projeto, auxiliando inclusive no processo de aprendizagem, gerou uma preocupação maior com as ferramentas utilizadas para tal papel. Uniu-se a isso a necessidade de expandir as discussões que se realizavam no projeto para fora do nicho dos *campi* da UFC em Fortaleza. Foi assim que surgiram os primeiros traços do que se tornaria o CASa Aberta.

A função do programa seria difundir não apenas o que se faz dentro da CASa, mas sim o próprio sentido de formação docente defendido pelo projeto. Ismael Furtado, professor e apresentador do programa, identifica a visibilidade gerada pelo CASa Aberta e a importância de o veicular num suporte midiático da UFC, o qual possui em seu público direto os docentes que compõe a instituição.

Eu acho que institucionalmente o programa é importante no sentido que dá visibilidade a uma ação diferenciada da Universidade. Se você olhar o projeto CASa, você demora um tempinho para entender. Ele a princípio é confuso. Quando a pessoa fala pela primeira vez, “Comunidade de Cooperação e Aprendizagem Significativa”, é estranho. A forma dele trabalhar, por ser diferente, ela é percebida como estranha também. Então, ter um programa que dá visibilidade a isso, por um veículo de ampla aceitação, num formato extremamente conhecido, é uma forma de consolidar esse projeto da Universidade [...] ocupando um espaço que é da Universidade, [...] valorizando o instrumento da rádio. (Entrevista Ismael Furtado, 2011).

PAIVA & PORTO (não publicado) trazem uma definição do CASa Aberta que resume as estratégias trabalhadas em suas concepção, função e atuação. O programa funcionaria “como um catalisador e difusor de experiências, vivências e ideias inovadoras do Projeto CASa”, assim como “foi pensado para ser um espaço de reflexão sobre a prática docente na Universidade, a partir da vivência dos professores e se constitui, pois, como um espaço de conversa, de troca de experiências e de saberes.” Dessa forma, por intermédio de seus debatedores, por vezes docentes veteranos, outras recém-ingressos, ora professores da UFC, ora de outras IES, o programa pode congrega um grande acervo de conhecimento e trocas de experiências entre estes e os que ouvem. A formação docente, objetivo maior da CASa, contempla-se tanto dentro dos estúdios quanto nos diversos locais alcançados pela mensagem sonora.

O CASa Aberta trouxe as discussões, de interesse dos docentes em *trans-form-ação* do CASa, organizadas em mesas-redondas. Este formato enquadra-se como um gênero de noticiário informativo e é explicado por FERRARETTO (2000), quando este cita que: “a opinião de convidados ou de participantes fixos constitui a base da mesa redonda, tradicional tipo de programa radiofônico que procura aprofundar temas de atualidade, interpretando-os”.

As mesas-redondas podem ser de dois tipos: painéis ou debates. No primeiro, as ideias dos participantes acabam completando-se, há uma busca por um panorama geral da questão discutida. No segundo, busca-se reunir pontos de vista conflitantes para instigar a diálogo entre opiniões. No programa, ambas as situações podem ser identificadas, prevalecendo o debate pela característica de reunião de variadas áreas do saber, representadas pelos distintos docentes que são convidados.

O CASa Aberta se divide em dois blocos com uma duração média de 30 minutos cada. No primeiro tem-se: abertura do programa com *jingle*-canção e vinheta; acolhimento dos ouvintes; informes; notícias; apresentação do tema a se discutir e debatedores; e o debate em si. Após um intervalo, inicia-se o segundo com: contextualização do debate e seu prosseguimento; informes; agradecimentos; e *jingle*.

O *jingle*-canção do programa foi composto pelo jornalista Flávio Paiva e gravado pela cantora Kátia Freitas e pelo músico Cristiano Pinho. Esse formato apresenta características semelhantes ao *jingle* publicitário. REIS (2008) resgatou várias literaturas a respeito de publicidade radiofônica e usou do pensamento de Mello Vianna para elaborar uma diferenciação desse formato:

o *jingle* diferencia-se do *spot* por se tratar de uma peça publicitária que transmite a mensagem principalmente através de uma melodia cantada, cuja letra geralmente é composta pelos principais conceitos da marca anunciada, pelo slogan e, possivelmente, pelo telefone ou endereço do anunciante. (REIS, 2008, p.44)

O CASa seria a marca anunciante dessa canção e peça chave de promoção. Sua ideologia e objetivos são explicitados na letra: “Temos um mundo a compartilhar / pensar, conviver, agir / refletir / a Universidade que queremos / aprender juntos, fazer juntos / recriando o ensino com amor / com alegria e dedicação / na CASa Aberta / em permanente construção”. A primeira parte da letra é acompanhada apenas pela melodia instrumental. A partir da sétima estrofe (com alegria e dedicação), à voz da cantora soma-se o reforço de coro, efeito gerado pela duplicação vocal de sua voz, e repetem-se as duas estrofes finais, objetivando uma visibilidade maior a essa parte da canção que contém o nome do programa. A facilidade na fixação da informação transmitida pelo *jingle* se dá pelo hábito humano de repetir frases melódicas, seja cantando ou assobiando.

O *jingle* tem a duração de 42 segundos e em sua sequência segue uma vinheta de abertura que se constitui na repetição do nome do programa por seis vezes, a qual se acrescenta a informação da parceria que possibilita sua veiculação: “CASa Aberta / CASa Aberta / CASa / Aberta / CASa Aberta / CASa Aberta / CASa Aberta é um programa da Pró-Reitoria de Graduação da UFC, seja bem vindo, entre e sinta-se à vontade”. São várias entonações, vozes ora masculinas, outras femininas, demonstrando a multiplicidade de atores que formam o conteúdo da iniciativa tanto do rádio como do projeto em suas ações e coordenações. A vinheta tem, em geral, curta duração, no caso do CASa Aberta apenas 20 segundos, e serve para reforçar a ideia a ser vendida, podendo ser de abertura ou encerramento.

As temáticas abordadas são definidas tomando como base a demanda dos docentes por discussões correlacionadas à profissão universitária, sem deixar de comentar sobre as ações do projeto e de apresentar a diversidade de ações que ocorrem na UFC.

A PESQUISA: UMA CASA ABERTA NA CASA UFC

Após o entendimento do projeto e do referido programa de rádio desenvolvido dentro dele, passaremos para os resultados da pesquisa realizada com 71 (setenta e um) docentes participantes da CASa através de questionários pessoais aplicados virtualmente. Dentre os respondentes identificamos o seguinte perfil: uma divisão por gêneros equilibrada com 35 respondentes do sexo masculino, contra 36 do feminino; uma prevalência da faixa

de idade entre os 30 e 40 anos, com destaque para os 34 anos; a grande maioria dos respondentes pertence à classificação de habitante do CASa (professores recém-ingressos na UFC em estágio probatório), 63 (sessenta e três) respostas, sendo os que se dizem visitantes em número de 6 (seis) e os residentes de 2 (dois); a segmentação por ano de ingresso no projeto revelou um prevalectimento dos que foram admitidos em 2010, com 37 (trinta e sete) afirmações, mais da metade da amostra, o que geraria expectativas de uma possível melhor compreensão e participação das atividades propostas pelo CASa. Assim, as respostas seriam mais conclusivas perante o posicionamento de pessoas que estão envolvidas há algum tempo.

Do universo amostral, 40 (quarenta) pessoas dizem-se ouvintes do programa, sendo as fontes de escuta: eventos do CASa; rádio; ou *podcasts* nos sites do UFC-Virtual ou do projeto. Em alguns casos o escuta ocorre em mais de um meio, estando o rádio sempre citado como um destes. A escuta pela emissora lidera as respostas com um total de 21 (vinte e uma) positavações, sendo 12 (doze) exclusivas e 9 (nove) conjugadas a outras formas. Em segundo lugar aparecem eventos do CASa com 13 (treze) positavações, o que demonstra a importância de se disponibilizar momentos de escuta coletiva nas reuniões presenciais, as quais agregam ainda a possibilidade de uma discussão local com outros docentes, gerando uma ampliação enriquecedora do debate dos estúdios. A escuta em *podcasts* totaliza apenas 6 (seis) confirmações exclusivas, apesar da constante divulgação de sua existência feita por Ismael Furtado durante as transmissões do programa.

A opção pelo veículo radiofônico é considerada eficiente e suficiente por vasta maioria, 48 (quarenta e oito) respostas dos 71 (setenta e um) pesquisados. Com relação à estrutura do programa e definição de temas, a maior parte dos ouvintes as considera boa ou excelente.

A investigação através desta pesquisa permitiu perceber que os docentes de *campi* localizados fora da área geográfica de Fortaleza se sentiam deslocados frente às atividades desenvolvidas no projeto e que quão maior o envolvimento nas atividades ofertadas ou tempo de convívio com a metodologia facilitavam a compreensão e o aceite da perspectiva formativa pensada pala CASa.

Foi fácil perceber, inclusive, as perspectivas de base do projeto nas conversas realizadas nas transmissões sonoras. O ambiente de mesa redonda ou painel facilitava a compreensão de igualdade de opiniões e espaços para partilhar situações vividas. Há, assim,

um clima comunitário permeando as relações de dentro e fora do estúdio (a partir das interlocuções com os ouvintes via telefone ou email).

Todos os presentes têm igual força de diálogo e expressão de seu parecer acerca do tema desenvolvido. O respeito ao pensamento do outro não inibe, entretanto, a forma de pensar o assunto que cada um acrescenta a discussão. Em várias de situações, o professor mediador foge a pauta elaborada para o tema por ter sido instigado pela fala dos colegas, esse fato demonstra a liberdade presente e necessária para o fluir da emissão. Em um programa que tratava sobre “Jogos na Aprendizagem”, o apresentador usa do pensamento desenvolvido pelos debatedores para instigar a continuidade da reflexão:

Eu vou pinçar um trecho da fala de vocês quando se referem que um jogo educativo não deve ser chato, deve ser divertido. Mas aí eu queria formular a seguinte questão: também não há o risco de criarmos a ideia de que aprender é fácil bastando se usar um jogo? (Ismael Furtado, Programa CASa Aberta 43'09", 12 de novembro de 2010).

As situações que foram significativas, sejam de cunho acadêmico ou pessoal, são trazidas à luz do debate e enriquecem a discussão. Os outros participantes encaram sob novo aspecto o tema dialogado, pois a sua visão acrescentam a do colega. Muito dificilmente essa conversa se daria no ritmo acelerado das aulas e momentos universitários. O rádio, bem como o projeto, acabam por auxiliar o encontro destes departamentos e formas distintas de pensar, alinhando-os em uma direção maior.

Avaliando a presença da cooperação nos debates que se somam em forma de painel, a aprendizagem significativa e o ambiente de comunidade proporcionados pelo formato radiofônico vivenciado pelos convidados, foi possível identificar o programa em sintonia com o que se objetiva com o projeto. A cobertura dos demais *campi* da UFC, no interior, inclusive com participações de professores desses locais como debatedores, foi alcançada, mesmo que ainda possa ser ampliada. O reflexo da CASa e suas bases conceituais se faz presente na difusão radiofônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O programa CASa Aberta é, pois, espaço democrático de diálogo, onde a experiência do outro se faz ouvida. Lugar de reunião de saberes, mas, acima de tudo, de construção coletiva de um novo saber pautado na heterogeneidade.

Percebeu-se que o significativo das conversas de fato se incorporava não só como um novo conhecimento, talvez metodológico, mas se configurava como algo capaz de fazer

repensar. Construía-se um aprendizado onde os autores não se colocavam como superiores ou inferiores, era uma aprendizagem vivida, partilhada e horizontalizada.

A qualidade dos debatedores, o volume de temas abordados e o alcance dos programas, maximizados pela oportunidade de se disponibilizarem os arquivos de áudio em *podcasts*, são resultado da aproximação das diversidades de conhecimentos e culturas que formam a UFC.

Através das participações em eventos do projeto e transmissões do CASa Aberta, pude observar como os professores se comportam frente às propostas. Em muitos casos, o fato de se criticar antes de conhecer é o empecilho maior para a aceitação. O novo é estranho a priori. O construir junto, sem ter um modelo final, soa como desorganização. Apenas com o tempo e a participação efetiva nos processos, que poderiam se chamar de corredores da CASa, alcançar-se-ia uma visão do todo. Caminhando pela CASa se conhecem seus espaços. Trancafiados em seus quartos, com no máximo uma janela à vista, a qual pode estar fechada, não se pode visualizar o outro, seja ele vizinho, visita ou morador.

O CASa Aberta surge como o rádio que ressoa em algum ponto dessa enorme moradia e que convida à busca pela origem do som. Nem que seja com a abertura daquela janela para se observar o jardim. O primeiro passo é fundamental para chegar a algum lugar, qualquer que seja ele. É a curiosidade do contato inicial, movido por conta própria, que lança ao encantamento. Prova disso são as respostas positivas à perspectiva do projeto e do programa pelos professores que se deixaram envolver.

Com uma proposta inicial de alcançar os docentes dos *campi* da UFC no interior do estado, o CASa Aberta foi além, abriu espaço para a escuta da sociedade. A Universidade Federal do Ceará se expõe em seu processo de acolhimento e reflexão professoral sobre sua própria atividade, disponibilizando espaços para a sociedade criticar e participar também desse processo.

O desafio reside em como fazer os docentes compreenderem e aderirem voluntariamente ao projeto. Talvez com contínuos investimentos na comunicação, informando sobre as ações e estimulando as participações. Afinal, encantar o público é fundamental para fidelizá-lo.

Para o CASa Aberta as perspectivas, tendo em vista a boa aceitação, são de crescimento. O desafio é manter a diversificação de temas e debatedores, ouvindo as demandas dos membros do projeto e surpreendendo com novos formatos que o rádio

possibilita, talvez rádio teatro, novela, documentários, ou partindo para a publicidade, anúncios sistemáticos ao longo da programação da Universitária FM, ampliando ainda mais o leque de opções para atrair o público e cativá-lo.

A CASa UFC está repleta de compartimentos, mas hoje se encontra com as portas abertas, ou no mínimo destrancadas, para circulação e conversa entre seus moradores. Afinal, há um mundo a “compartilhar, pensar, conviver, agir e refletir”. Uma Universidade que se quer construir, “com alegria e dedicação”, aberta a novos olhares, valores e moradores.

REFERÊNCIAS

ALTHAUS, Maiza Taques Margraf. **Ação didática no Ensino Superior: a docência em discussão.** Revista Teoria e Prática da Educação, v.7, n.1., p.101-106, jan./abr. 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo Atual.** Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CARVALHO, Renata Innecco Bittencourt de. **Universidade Midiatizada: o uso da televisão e do cinema na Educação Superior.** Brasília: Editora Senac-DF, 2007.

CAVALCANTE JR, Francisco Silva. [13 de julho, 2011]. Fortaleza: entrevista concedida a Mário César Matos de Freitas.

DEWEY, John. **Vida e Educação.** Tradução e estudo preliminar por Anísio S. Teixeira. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos; [Rio de Janeiro]: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio – O veículo, a história e a técnica.** 2ª ed. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2000.

FRANTZ, Walter. **Educação e cooperação: práticas que se relacionam.** Sociologias, Porto Alegre, ano 3, nº 6, jul/dez 2001, p. 242-264.

FURTADO, Ismael. [19 de agosto, 2011]. Fortaleza: entrevista concedida a Mário César Matos de Freitas.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Psicologia Comunitária: Atividade e Consciência.** Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.

JOGOS NA APRENDIZAGEM. **Programa CASa Aberta.** Fortaleza: Rádio Universitária FM, 12 de novembro de 2010. Programa de Rádio.

PAIVA, Andrea Pinheiro; PORTO, Bernadete. **Desenvolvimento da Docência em nível Superior: a importância do Rádio na constituição do debate.** [não publicado], Fortaleza: 2011.

PORTO, Bernadete de Souza. [29 de setembro, 2011]. Fortaleza: entrevista concedida a Mário César Matos de Freitas.

REIS, Clóvis. **Propaganda no rádio: os formatos de anúncio.** Blumenau: Edifurb, 2008.